

Anísio Teixeira e o Pragmatismo no Brasil

KAREN FERNANDA DA SILVA BORTOLOTTI *

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar o educador brasileiro Anísio Teixeira (1900-1971), o primeiro intelectual a adotar e difundir as idéias de John Dewey no Brasil. No final dos anos 1920, Teixeira viajou aos Estados Unidos da América e estudou no Teachers College da Columbia University, onde conheceu as ideias filosóficas e pedagógicas de John Dewey. Desde então, todas as suas atuações como educador e como administrador público na área da educação foram inspiradas no pragmatismo Deweyano. Além de traçar um perfil biográfico de Teixeira, este trabalho expõe as principais ideias de seu livro *Educação progressiva*, publicado em 1934. Naquela época, Teixeira ocupava um alto cargo administrativo na área educacional e sofria constantes ataques de intelectuais de linha política conservadora, especialmente vinculados à Igreja Católica, e por esse motivo foi afastado de suas funções públicas.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; Pragmatismo; História da educação.

Alguns dados biográficos

O educador brasileiro Anísio Spínola Teixeira nasceu na cidade de Caetité, Bahia, em julho de 1900, filho de família influente, e recebeu sólida educação jesuítica na infância. Mesmo confuso entre a carreira política, anseio do pai, e o celibato, bacharelou-se em Direito, em 1922. As relações políticas familiares o conduziram à vida pública e, em 1924, foi indicado pelo então governador baiano Góes Calmon a ocupar o cargo de Diretor da Instrução Pública do estado. Teve então início a sua trajetória “como um intelectual que se especializou em tratar do problema da educação no Brasil, refletindo sobre ele e produzindo propostas teóricas e práticas para superá-lo no plano político e pedagógico” (PAGNI, 2008, p. 20). Tal nomeação foi, sem dúvida, o primeiro passo na construção de sua identidade pessoal como educador. A partir dali, Anísio Teixeira entrou em contato com a vida pública, em especial no campo da educação, da qual conhecia apenas as impressões jesuíticas (NUNES, 2000, p. 90).

*Doutora em Educação Escolar Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR/Unesp), Mestre em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, é professora do Centro Universitário UniSEB. kfbortolotti@gmail.com

À frente da Diretoria da Instrução Pública, Teixeira foi o responsável pela reforma da instrução pública baiana, a qual o projetou nacionalmente em função de suas propostas inovadoras. Nesse primeiro momento, observou a proporção das desigualdades do sistema educacional que tolhiam a administração da instrução pública e constatou a insuficiência das primeiras medidas adotadas por sua gestão, passando então a buscar outro sentido para suas ações. Essa primeira empreitada, unida a novas leituras (como *Méthodes Américaines d'Education* de Omer Buyse) e muita reflexão, fez Anísio Teixeira entrar definitivamente para o grupo dos intelectuais que, descontentes com a organização social e política do país, criticavam um tipo de educação denominada por alguns como “tradicional” (PAGNI, 2008, p. 22).

O interesse pela educação o conduziu aos Estados Unidos da América, onde, além de travar contatos com a vida social daquele país, com as instituições educacionais e com as idéias de John Dewey e William H. Kilpatrick, obteve o título de *Master of Arts* pelo *Teacher's College* da Universidade de Columbia. Em 1931, já sob o governo provisório de Getúlio Vargas, assumiu a direção da Instrução Pública do Distrito Federal, catalisando mais uma vez as atenções, especialmente em virtude da criação da Universidade do Distrito Federal. Nessa época, Anísio Teixeira pôde estreitar contatos, especialmente com Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto, Arthur Ramos, dentre outros, que contribuíram para a definitiva estruturação de seu pensamento educacional (NUNES, 2000).

Ativo participante da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1932 foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento que, redigido por Fernando de Azevedo, apresentava as diretrizes de um programa de reconstrução educacional para o Brasil (PAGNI, 2008, p. 27). Apesar das conquistas, as pressões políticas e o espaço adquirido pelo pensamento autoritário fizeram com que se demitisse de seu cargo no Distrito Federal em 1935. Entre os anos de 1937 e 1945, período da ditadura getulista, quando se afastou da vida pública, Anísio Teixeira dedicou-se à tradução de livros e atividades comerciais (NUNES, 2000).

Após o término do governo de Getúlio Vargas, teve breve experiência como conselheiro da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

Cultura), e foi nomeado para a Secretaria da Educação e Saúde da Bahia, cargo que ocupou até o início dos anos 1950, sendo responsável, dentre outros feitos, pela fundação do Centro Popular de Educação *Carneiro Ribeiro*, mais conhecido como Escola Parque. O objetivo dessa iniciativa era proporcionar às crianças de um bairro periférico de Salvador uma educação integral, o que significava, para Anísio, valorizar as aptidões pessoais e eliminar as diferenças educacionais. Em 1951, assumiu a secretaria geral da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e, em 1952, aceitou o cargo de diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), no qual permaneceu até 1964. No início dos anos 1960, foi um dos idealizadores da Universidade de Brasília, da qual foi também reitor entre 1963 e 1964, quando, mais uma vez, a situação política o afastou da vida pública (NUNES, 2000).

No início do ano de 1971, apesar das restrições impostas pela política de então, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras; todavia, desapareceu misteriosamente após uma visita ao acadêmico Aurélio Buarque de Holanda, e seu corpo foi encontrado em um fosso de elevador, sem os sinais característicos de uma queda tão violenta.

A transformação intelectual

No final dos anos 1920, nos Estados Unidos da América, Anísio Teixeira passou por uma profunda transformação intelectual causada por seu contato com as ideias de John Dewey. O pragmatismo Deweyano foi para ele uma resposta às inquietações provocadas pelos velhos valores do catolicismo jesuíta que adotava desde a infância. Conhecer Dewey foi uma libertação, pois o pragmatismo Deweyano deu a ele as respostas que procurava, motivando seu rompimento com todas as formas de dogmatismos (NUNES, 2000).

Essa transformação no modo de pensar de Anísio Teixeira foi favorecida pelo momento histórico vivido pelo mundo e, em particular, pelo Brasil. Entre o final dos anos 1920 e o início dos 30, os regimes totalitários, o fascismo e o comunismo, ganhavam força em vários países, exigindo dos intelectuais uma tomada de posição. No Brasil, cujo período republicano havia começado em 1889, o sistema político exibia inegáveis sinais de esgotamento. O panorama nacional e internacional era de transformação e incerteza,

colocando em dúvida tudo o que era tido como correto e incontestável até então. O pragmatismo Deweyano encontrou no Brasil um campo fecundo porque os intelectuais brasileiros estavam mobilizados, desde o final do período monárquico, em busca de soluções modernizadoras para a sociedade.

Em sua viagem aos Estados Unidos, Anísio Teixeira foi absorvido pela novidade representada pela pedagogia de Dewey, a qual propunha o permanente contato entre a teoria e a prática e colocava a atividade do aluno como elemento central da aprendizagem. Teixeira compreendeu que a pedagogia Deweyana tinha bases em uma filosofia que assumia papel ativo na vida social e política e buscava assumir a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento da democracia e para a formação de cidadãos dotados de uma mentalidade moderna e científica, aberta à mudança e à cooperação.

Dentre os intelectuais brasileiros qualificados como “renovadores da educação”, divulgadores das novas pedagogias no Brasil, Anísio Teixeira foi o que mais e melhor absorveu as ideias de Dewey, desempenhando importante papel em sua difusão. Quando retornou dos Estados Unidos, ele publicou vários artigos em periódicos educacionais, sempre sob a inspiração do pragmatismo Deweyano. Em 1930, ele organizou a coletânea *Vida e educação*, que continha dois ensaios de Dewey traduzidos por ele: “The child and the curriculum” e “Interest and effort in education”. Nesse livro, Teixeira escreveu um texto introdutório intitulado “A pedagogia de Dewey”. Além disso, devido à sua contribuição, algumas ideias Deweyanas foram incluídas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (CUNHA, 2002).

Por ver as novas práticas pedagógicas como parte integrante de um programa de transformação social e de construção da sociedade democrática, seu afastamento da vida pública, ocorrido em 1935, foi motivado pelas mesmas acusações sofridas nos Estados Unidos por Dewey, quando retornou da União Soviética: vermelho, comunista disfarçado de liberal (CUNHA & COSTA, 2002). Quando reassumiu as atividades públicas após o término da ditadura, em 1945, Teixeira continuou atuando guiado pelos ideais democráticos de Dewey e pela crença Deweyana de que a ciência e a educação são fatores decisivos para a transformação social.

O primeiro livro Deweyano

Em 1934 foi publicado o livro *Educação progressiva* [*Progressive education*] de Anísio Teixeira, cujo subtítulo era *uma introdução à filosofia da educação*.[†] Esse foi o primeiro livro a ser publicado no Brasil com ideias francamente inspiradas na filosofia de Dewey, e serviu para confirmar Anísio Teixeira como um pensador Deweyano, um intelectual comprometido com uma pedagogia sustentada por uma filosofia da educação envolvida no processo de transformação da sociedade. Seguindo Dewey, Teixeira mostrava que havia rompido definitivamente com os dualismos entre teoria e prática, racionalismo e empirismo, funções manuais e operações intelectuais, pensamento e ação. Toda a teorização feita no livro é baseada na noção de experiência, que é adotada como parâmetro básico para compreender a educação como processo em constante mudança, em uma sociedade igualmente em mudança.

Em *Educação progressiva*, Teixeira discorre sobre vários aspectos do pragmatismo Deweyano, como o pensamento reflexivo, a importância das ciências na educação e a necessidade de construção da democracia; ele chama a atenção para a necessidade de uma nova escola organizada como um laboratório e destinada a estimular a atividade individual. A escola brasileira é descrita como tradicional, porque não valoriza a experiência dos alunos, promove o afastamento entre os conteúdos estudados e a prática cotidiana, e torna a ação pedagógica esvaziada de significado, uma simples aplicação de técnicas antiquadas. Teixeira defende que a escola seja capaz de formar um homem competente para enfrentar as constantes mudanças da sociedade, um homem reflexivo e afastado da “interdependência mecânica e degradante” (TEIXEIRA, 2000: 34).

Teixeira (2000: 17) diz que a “teoria da educação nova é a tentativa de orientar a escola no sentido do movimento, já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam”. Assim como Dewey, Teixeira percebe que as contradições da sociedade estão presentes dentro da escola, mas, ainda assim, a escola deve assumir a mudança social como uma tarefa, contribuindo para formar uma nova mentalidade por meio de programas escolares sintonizados com a realidade social. O objetivo da escola não é perpetuar as contradições sociais, mas favorecer a construção de novos rumos

[†] Nas edições a partir de 1967, Teixeira inverteu a ordem do título e do subtítulo, passando o livro a chamar-se *Pequena introdução à filosofia da educação – a escola progressiva ou a transformação da escola*.

para a vida humana. A escola, enfim, deve tornar-se ativa no processo de reconstrução da sociedade, não como reprodutora de seus problemas, mas como construtora de um novo modo de vida, um modo de vida verdadeiramente democrático.

A educação proposta por Teixeira (2000: 67) em *Educação progressiva* deve ter relação com a nova sociedade brasileira que está surgindo; deve adotar um programa de estudos baseado em “experiências e atividades”, considerando a vida cotidiana como o principal motor desse programa, o qual “deve ser extraído das atividades naturais da humanidade” (id.: 69). Com a reformulação do programa de estudos, a escola se aproxima da vida e elimina o ambiente artificial que vigora na escola tradicional, que é artificial porque não prepara nem para o futuro nem para as mudanças que a nova civilização já vem trazendo. Para Teixeira (id.: 45), “o ato de aprender depende profundamente de uma *situação real de experiência* onde se possam praticar, tal qual na vida, as reações que devemos aprender”.

Nesse livro, Teixeira, seguindo Dewey, expressa seu posicionamento quanto aos fundamentos da educação, tendo por base uma análise da natureza humana e da construção social do indivíduo. A teoria moderna da educação tem como postulado fundamental a natureza humana, exigindo “disciplina, método, controle de si mesmo e do meio ambiente, e para isso esforço, tenacidade, paciência, coragem e sacrifício – o homem tende a essas virtudes pelas próprias características de sua natureza” (TEIXEIRA, 2000: 19). Tal qual Dewey, Teixeira (id.: 43) considera necessária uma nova Psicologia, uma ciência que elabore uma nova visão do ato de aprender, que contribua para configurar uma nova mentalidade, que “moral e espiritualmente”, responda à “presente ordem das coisas”. Essa nova Psicologia deverá transformar a “escola em um centro onde se vive e não em um centro onde se prepara para viver” (id.: 46).

Democracia: um problema

O livro *Educação progressiva*, de Anísio Teixeira, é totalmente fundamentado na noção de movimento, assim como é a filosofia Deweyana (CUNHA, 2001). A nova escola é a escola que incorpora o movimento, a mudança que ocorre na pedagogia porque toda a sociedade e todo o conhecimento socialmente produzido encontram-se em constante

transformação. A escola precisa ser reformada para refletir a transformação que já acontece fora dela e contribuir para essa mesma transformação

No contexto político dos anos 1930 no Brasil, essas ideias de Teixeira representaram um importante instrumento no combate de ideias que era travado naquele momento (NUNES, 2000). O país encontrava-se sob um governo provisório instalado por um golpe de estado que rompeu com o sistema de poder vigente desde o início da república. O novo governo prometia conduzir a nação à modernidade e à democracia, e os intelectuais tinham esperança de que isso realmente viesse a acontecer. Mas havia fortes divergências em torno dessa promessa e dessa esperança: o problema central é que não havia consenso sobre os rumos que o país devia seguir; não havia consenso sobre o sentido da palavra “democracia”.

Segundo Dewey, Teixeira expôs com clareza as suas crenças: acreditava que a democracia seria alcançada por meio da educação e da ciência. Uma sociedade que tem uma ciência avançada não é garantia para a democracia, certamente, entendendo-se democracia não como forma de governo, mas como modo de vida. A ciência pode auxiliar a escola a quebrar os dualismos que impedem a construção da sociedade democrática; a ciência pode determinar as matérias de estudos, mas os objetivos educacionais devem vir de uma ampla orientação filosófica e social; o modo de vida democrático só é efetivado pela capacidade humana de viver sob essa forma de organização social (CUNHA, 1999).

Teixeira acreditava que o destino da sociedade seria dado pelo intercâmbio entre a filosofia e as ciências na escola, mas tanto a filosofia quanto a ciência precisam ser desenvolvidas dentro e fora do espaço escolar; a filosofia e a ciência devem ser vividas por toda a coletividade por meio de uma escola igual para todos, pois a democracia não brota espontaneamente. Para Teixeira (2000: 169), “quando a ciência vai refazendo o mundo e a onda de transformação alcança as peças mais delicadas da existência humana”, só quem vive “à margem da vida, sem interesses e sem paixões, sem amores e sem ódios, pode julgar que dispensa uma filosofia”.

A crença democrática de Anísio Teixeira inspirada em Dewey não foi vencedora nos anos 1930. Conforme já foi aqui mencionado, Teixeira ocupava um importante cargo no Distrito Federal em 1934, quando seu livro foi publicado. Colocado no centro do debate político e educacional, ele recebia fortes ataques dos setores políticos conservadores, em

especial dos intelectuais católicos. Inspirados em outras visões de sociedade e em outras filosofias, esses grupos impuseram seus interesses, suas paixões e seus ódios, e conduziram o Brasil a uma ditadura que perdurou por quase dez anos.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Marcus Vinicius. A presença de John Dewey na constituição do ideário educacional renovador. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 31, p. 77-91, dez, 1999.

_____. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 86-99, maio/ago, 2001.

_____. Ensino Profissional: de Anísio Teixeira, o signatário incógnito do Manifesto de 1932, às concepções de John Dewey. In: VALE, J. M. F. et al. (Orgs.). *Escola pública e sociedade*. São Paulo: Saraiva/Atual, 2002.

CUNHA, Marcus Vinicius; COSTA, Viviane. John Dewey, um comunista na Escola Nova brasileira: a versão dos católicos na década de 1930. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 12, p. 119-142, set., 2002.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2. edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. São Paulo: EDUSF, 2000.

PAGNI, Pedro Angelo. *Anísio Teixeira: experiência reflexiva e projeto democrático: a atualidade de uma filosofia da educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.